

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC
**UFRGS**
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	O longo presente e a memória da aids nas obras de Caio Fernando Abreu (1983 - 1995)
Autor	GUILHERME DA SILVA CARDOSO
Orientador	FERNANDO FELIZARDO NICOLAZZI

Título: O longo presente e a memória da aids nas obras de Caio Fernando Abreu (1983 – 1995)

Autor: Guilherme Cardoso – **Instituição:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Fernando Nicolazzi

Resumo

A partir da década de 1980, a epidemia de aids entre homens homossexuais e a luta pela sobrevivência reconfiguraram movimentos e identidades, bem como os evidenciam como grupo social. Assim, o discurso literário, em suas diversas expressões, se afirma como uma das maneiras de pensar e escrever sobre a aids, abrindo possibilidades e cenários dentro da epidemia discursiva sobre essa experiência. No Brasil, o escritor Caio Fernando Abreu destaca-se como pioneiro ao tratar do tema na escrita literária, fundando um estilo cujo pano de fundo da tensa relação de sobrevivência com a aids torna-se o cenário para indivíduos e suas experiências com o tempo, a vida, a sexualidade e a morte virem à tona: o medo, a condição e a memória da aids, assim, permanecem como um espectro, ancorados no passado que se estende, impondo-se como experiência de puro presente, como aponta Susan Sontag, em uma relação com o tempo que não pode ser ignorada. Partindo da consolidação da memória de grupos tidos como minorias sociais que conquistam espaço no mundo pós-guerra fria, pretende-se nesse trabalho analisar na obra “Onde Andará Dulce Veiga?” (1990), e em contos parte de “Os Dragões não conhecem o Paraíso” (1988), “Triângulo das Águas” (1983) e “Ovelhas Negras” (1995), de Caio Fernando Abreu, de que forma a memória da aids se inscreve nas diversas experiências do tempo – em especial um presente longo, sem futuro e sem passado, onipotente, como verificado no regime presentista de historicidade, desenvolvido por François Hartog.

Podemos observar nas obras não somente indivíduos que carregam em si a metáfora e a condição de serem atingidos pela aids, mas também os contornos da desilusão dos anos 1980, ressaltando a decadência que se iniciava na década anterior. Trata-se de encontrar a si mesmo em uma cidade também contaminada, obscura e *trash*, atravessada por uma aura doente, revestida de pessimismo. O ambiente criado nesse universo literário pontua diversas representações de indivíduos atingidos pela doença, e para além deles, também todo o ambiente ao redor, contaminado – metafóricamente ou não; pela aids ou não – e entregue à uma temporalidade confusa, dispersa, pessimista e melancólica. Esse número de diferentes representações obedece às formas que os discursos sobre a aids agem: criando, formando, cristalizando metáforas que lhes conferem, e, ao mesmo tempo, retiram sua materialidade, particularidade e sensibilidade.

Dessa forma, esses inúmeros discursos não incorrem “apenas” sobre os sintomas e a metáfora da peste que se mostra extremamente forte, servindo a interesses de setores conservadores e neoliberais, no que aparentemente “historiciza” a doença do *fin de siècle* - mas também a quem por ela é atingido e na maneira que o indivíduo se coloca no tempo e no espaço. Essa pesquisa busca analisar e propor abordagens que possibilitam outras maneiras de compreensão do vírus e do *estar* doente – um modo de vida que esteja além do discurso hegemônico e sistematicamente legitimado, aqui tendo figura no discurso biomédico, principalmente. Tais abordagens se evidenciam nas possibilidades do discurso literário e seu universo, que tem importância não figurativa e simbólica, mas *material*.